

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	5.º ANNO — VOLUME V — N.º 124	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA
Portugal (tranco de porto, moeda forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	1 DE JUNHO 1882	Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Posseções ultramarinas, (idem)	4\$000	2\$000	-3-	-0-		
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	-6-	-0-		
Brazil (moeda fraca)	15\$000	7\$500	-6-	-0-		

FESTAS DO CENTENARIO DO MARQUEZ DE POMBAL, NO PORTO



A PROCESSÃO CIVICA DESFILANDO NA RUA DE SANTO ANTONIO (1 de Maio de 1882. — Segundo um desenho de Isaias Newton)

SUMMARIO

TEXTO—Chronica Occidental, Gervasio Lobato—O centenário do marquez de Pombal, no Porto, Manuel M. Rodrigues—As noivas gravuras—Actualidades scientificas, o novo cometa, Camillo Flammarion—Exposição retrospectiva de arte ornamental, em Lisboa, R. —Sepulchro de Defuncto, Lierre Santos — Publicações.

GRAVURAS—Festas do centenário do marquez de Pombal, no Porto: A procissão civica desfilando na rua de Santo Antonio—Festas do centenário do marquez de Pombal, em Lisboa: A procissão civica desfilando na praça de D. Pedro—As Iluminações—Agitações na Irlanda, Lord Frederick Charles Cavendish, Thomaz Henry Burke—Estigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

São tão extraordinarios, tão phantásticos, os factos que ultimamente se tem passado em Lisboa, que embora nos custe muito entrar n'uma questão que mais ou menos prende com a politica, não podemos deixar de tratar d'elles em uma chronica escripta n'esta mesma Lisboa pacata e tranquilla a que os desvarios da policia tem dado o aspecto terrivel d'um vulcão prestes a arrebentar.

Imagine-se que nós hoje recebiamos de Madrid por exemplo as seguintes noticias:

—Ha dias na camara dos deputados, um representante da nação pediu providencias ao governo contra o facto d'uns officiaes do exercito terem insultado e rasgado n'um *restaurant* o retrato do rei. Na vespera a policia e a força militar teve que cercar as ruas principaes da cidade, e prender 39 cidadãos que davam vivas á republica e soltavam gritos subversivos. O alcaide-mór, prohibiu que nos estabelecimentos publicos e pelas ruas se tocasse ou cantasse a Marselhesa. Logo no dia immediato foi preso n'um dos primeiros cafes da cidade um jornalista muito conhecido por estar cantando a Marselhesa. No outro dia de manhã foram presos no primeiro estabelecimento de instrucção superior da cidade quatorze estudantes na maioria militares por cantarem a Marselhesa, e darem vivas á republica. O alcaide-mór mandou fechar todos os botequins ás 10 horas da noite.

Ora não era preciso vêr tudo em negro, para depois da leitura d'estas noticias qualquer pessoa ficar imaginando, que o estado de Madrid era medonho, que a monarchia estava seriamente ameaçada, e que a revolução ia arrebentar a cada momento.

Pois é este o espectáculo que nós estamos dando á Europa, e não obstante Lisboa nunca esteve tão socegada como hoje, ninguém pensa em *abalar o edificio social*, e o canto repetido da Marselhesa tem apenas a significação de um protesto galhofeiro da cidade contra a levandade das disposições policiaes perfeitamente desprestigiadas pela sua extemporaneidade.

De quem é a culpa d'este desprestigio que em poucos dias se tem alastrado d'um modo terrivel, que tem tirado toda a força á policia, e que tem feito da auctoridade uma personalidade burlesca, que toda a gente achincalha, o povo na feira e nas ruas, a opinião publica nos jornaes, e a nação no parlamento?

A opinião publica, o povo, e a nação accusam d'esse desprestigio, a auctoridade do districto, o sr. conselheiro Arrobas.

Não vimos aqui accusar ninguem, vimos somente historiar imparcialmente os factos, sem intenções politicas nem rancores pessoais.

Não conhecemos pessoalmente o sr. conselheiro Arrobas e fazemos a justiça de acreditar que em todos os seus actos de governador civil de Lisboa, s. ex.^a tem tido sempre as melhores vontades de accertar, as mais justas intenções.

Entretanto um districto quer mais alguma coisa que intenções justas na sua administração, quer actos que o sejam.

E n'este ponto parece-nos que as intenções do sr. governador civil se transformaram muito ao passarem a factos.

Para esta apreciação não é necessario descer ao estudo da maioria das medidas do sr. governador civil, e s. ex.^a quem n'olla fornece prompta e rapida na facilidade com que as revoga, com que desfaz hoje e que fez hontem.

Por exemplo: um dia o sr. conselheiro Arrobas vibra um golpe profundo á instituição dos guardas nocturnos.

Não temos que discutir a medida; os guarda-

nocturnos tem muitos defeitos na sua organização, e devem a sua existencia, tem a sua razão de ser, no pessimo serviço da policia civil. Creemos que seria um bom serviço acabar com elles, mas simplesmente d'um modo, tornando-os completamente desnecessarios pelo serviço regular, completo, perfeito, da policia civil, extensivo a toda a cidade em geral.

Haveria porem um caso, que justificasse mesmo antes d'essa reorganização da policia civil, a extincção dos guardas nocturnos: esse caso seria qualquer crime, qualquer roubo, qualquer abuso de confiança importante praticado pelos guardas nocturnos.

Pois o sr. governador civil escolheu, para vibrar o golpe a essa instituição particular, exactamente o caso opposto.

No momento em que aos guardas nocturnos e aos cabos de policia se deveu a descoberta d'um crime importante, e a prisão d'um criminoso excepcional, — o assassino da rua do Bem Formoso — criminoso que, sem os guardas nocturnos e os cabos de policia, ficaria impune, como muitos outros, é que o sr. governador civil se lembrou de acabar com os cabos de policia e com os guardas nocturnos.

A medida produziu uma detestavel impressão em Lisboa: mas, em todo o caso, era uma medida da primeira auctoridade do districto, e não se pôde admitir a hypothese que essa auctoridade dê ordens graves, sem as ter pensado e meditado bem.

A cidade protestou: só havia dois caminhos a seguir, ou a cidade tinha razão, e então não a tinha o sr. governador civil, e *qui a tort* não pôde governar, e s. ex.^a demittia-se, e a ordem revogava-se: ou a cidade não tinha razão, e o sr. governador civil fazia manter a sua ordem.

Não aconteceu nada d'isto, a ordem foi revogada e o sr. governador civil continuou á frente do districto.

D'aqui nasceu logo a desconfiança dos administrados no seu administrador, e a auctoridade começou a perder a sua força.

A cidade comprehendeu que tinha mais bom senso que o seu governador, e que, em vez de ser por elle governada, era ella que podia governar-o.

Quando este facto se dá, o principio da auctoridade caminha rapido para o seu desprestigio.

E então a cidade poz-se em antagonismo permanente com o seu magistrado superior, e d'ali por diante levou sempre a melhor.

O sr. governador civil prohibe, sob pretextos futeis e não justificados, — porque o visto dos cartazes dos espectaculos publicos não pôde ser obrigatorio, desde o momento que da parte do governo civil não ha a facultade de o negar — o sarau litterario dos Academicos no theatro de S. Carlos, sarau que tinha sido auctorizado pelo sr. ministro do reino, e no dia seguinte tem que consentir n'esse sarau, o que prova que não podia prohibir-o na vespera.

O sr. governador civil começa a ver por toda a parte a revolução e o povo nunca esteve mais pacifico. Emprehe uma campanha em regra no Pote das Almas, prende a torto e a direito 29 pessoas perfeitamente inoffensivas como grandes criminosos politicos, como cabeças da revolução, e na Boa Hora, o juiz manda a maior parte d'esses sujeitos para suas casas por não lhes encontrar apesar das carregadissimas partes de policia, culpabilidade alguma, e os maiores criminosos, os terriveis revolucionarios, contra os quaes o sr. governador civil poz em campo as forças de cavallaria e d'infanteria da municipal e todo o apparato da sua policia civil são condemnados... a oito tostões de multa!

O sr. governador civil prohibe a *Marselhesa* prohibe-a verbalmente sem editaes que o façam publico, e sabendo-se apenas que está prohibida porque quem a canta é preso, prende um jornalista distincto no caffè Garret, e prende quatorze estudantes á porta da Polytechnica pelo crime de a estarem a cantar e a assobiar, e no dia immediato um deputado do governo declara no parlamento que a *Marselhesa* não está prohibida e que toda a gente a pode cantar e tocar.

E o prestigio da auctoridade vae-se completamente, dão-se alvagaras a quem o restituir no governo civil, e para demonstrar bem como elle está perdido dá-se em Lisboa um facto novo, mas terrivelmente symptomatico, uma corporação academica inteira, todos os alumnos da escola de medicina, vão entregar pessoalmente nas mãos do sr. ministro do reino um requerimento fundamentado scientificamente e pedindo um exame medico legal de sanidade para a primeira auctoridade do districto.

Tudo isto é extraordinario, é funambulesco

é inteiramente novo no nosso paiz e penso que em todos os paizes, a não ser n'aquelles que existem no mappa geographico do Meilhac e Halevy.

E para tudo ser extraordinario, ao passo que a auctoridade é assim achincalhada, entre o coro das accusações violentas feitas ao governador civil, uma das vozes mais energicas que contra elle se levanta na imprensa é a de um jornal do governo de que s. ex.^a é empregado de confiança, uma das vozes que mais violentas se levantam contra elle no parlamento é a de um deputado da maioria, da maioria a que pertence o sr. conselheiro Arrobas.

Devem confessar que tudo isto é muito anormal e extravagante.

Não fazemos commentarios, fazemos simplesmente historia, mas lamentamos profundamente tudo isto que está semeando na nossa terra a peor de todas as anarchias, a anarchia mansa, e que está creando serios embaraços, não só a este governo mas aos governos que se lhe sucederem.

Começamos o nosso artigo dizendo que acreditavamos nas boas intenções do sr. governador civil e repetimos que cremos que s. ex.^a tem errado sem vontade de errar.

Mas, n'estes casos, é muito mais perigoso errar sem querer, e estar a cada passo a confessar os erros, procurando emendal-os, do que errar voluntariamente, e manter esses erros.

No tempo em que vivemos, um governo mau, um governo tyrannico, faz mal somente a si; um governo fraco, desprestigiado, faz mal a si e ao paiz inteiro.

Se o sr. governador civil mantivesse com energia despotica os seus erros, cahiria no dia immediato, mas o principio da auctoridade ficaria de pé; assim pôde-se sustentar, mas, o que não se sustenta, é a respeitabilidade, o prestigio da auctoridade que elle representa, como já se está vendo hoje com as demasias do burlesco, que se atreve a atacar essa auctoridade, que não se impõe pelo prestigio nem pela força.

Dizia-se á ultima hora que o sr. conselheiro Arrobas pedira a sua demissão, e que o governo lh'a negara.

Se assim é, fizeram ambos o seu dever. O sr. conselheiro Arrobas, comprehendendo que era incompativel com o districto confiado á sua administração, fez um acto de dignidade demittindo-se; o governo fez o seu dever, não aceitando n'este momento anormal uma demissão, que transformaria a troça n'uma arma politica, e que abriria um terrivel e perigoso exemplo para o futuro.

Aguardamos a resolução d'este conflicto grave, e fazemos votos para que na sua solução haja o bom senso e a prudencia, ausentes, infelizmente, quando elle se creou.

Partiu no dia 26 do mez de maio para Bordeaux o sr. Jayme de Seguiér, ultimamente nomeado consul de Portugal n'aquella cidade.

Jayme de Seguiér é um rapaz de 22 annos mas o seu extraordinario talento já provadissimo, e a seriedade do seu bello caracter fazem d'essa nomeação uma das mais justas que n'estes ultimos tempos se tem feito, e farão d'ella com certeza uma das mais proveitosas para o nosso paiz.

Os leitores do OCCIDENTE conhecem já por uns contos deliciosos o bello talento de Jayme Seguiér. Nós que acompanhámos desde o principio o desabrochar d'essa intelligencia privilegiadissima, e que somos ha muitos annos amigos intimos de Jayme Seguiér, recebemos com muita alegria a noticia d'essa nomeação, que collocou n'uma carreira distincta esse brioso rapaz, que saberá tornar-a brilhante com o seu esplendido talento, mas separamo-nos com saudades d'esse bello e excellente amigo, cujas raras qualidades de character e de espirito podemos apreciar em muitos annos de boa intimidade e de sempre leal e alegre camaradagem.

Inaugurou-se na noite de 27 o novo circo dos Recreios, com um sarau dado pelos distinctos amadores do Real Club Gymnasio Portuguez em beneficio dos Albergues Nocturnos.

O espectáculo foi brilhantissimo; do novo circo dará proximamente conta o OCCIDENTE nas suas gravuras.

Da recita só diremos que raras vezes temos visto em Lisboa entusiasmo igual, aquelle com que o publico que encha o circo, victorioso o sr. Martins Queiroz, quando este distincto picador com certeza o primeiro do nosso paiz, apresentou amestrado na alta escola os seus dois bellos cavallos *Baldemonio*, e *Dragão* sobre tudo este ultimo que faz trabalhos assombrosos, como nunca vimos cavallo algum fazer, ensinado com um primor inexcedivel pelo sr. Queiroz.

Os trabalhos gymnasticos e acrobaticos foram tambem muito notaveis sobresahindo entre elles os dos srs. Antonio Infante e João Bravo.

Foi uma festa esplendida entusiastica, em tudo digna dos illustres amadores que n'ella tomaram parte, do fim santo a que se propunha e da brilhante sociedade que a ella assistiu.

Gervasio Lobato.

O CENTENARIO DO MARQUEZ DE POMBAL NO PORTO

No meio do embate das controversias suscitadas a proposito da commemoração festiva do centenario do marquez de Pombal, controversias germinadas da apreciação mais ou menos serena, mais ou menos justa, dos actos e das qualidades cívicas do estadista, verdadeiro homem da sua época, soube arcar com vigorosa persistencia contra todos os estorvos que tentavam ludibriar o esforço da sua tenacidade patriótica, — no meio d'esse embate, repito, a cidade do Porto correu o véo de um nobre esquecimento por sobre os erros inevitaveis da posição e da indole de uma individualidade que o odio e as intrigas tinham de certo levado a extremos de rigoroso excessos, para só ver no ministro do rei D. José, o preclaro cidadão, o devorado conselheiro que, derrocando com o seu braço herculeo os decrepitos muros que obstruíam a irradiação da luz nova da sciencia e as expansões da vitalidade de um povo definhado e empobrecido, ergueu o seu paiz do nefasto entorpecimento a que o tinham arrastado, por um lado a ignorancia inoculada subrepticamente por um mysticismo embrutecedor, por outro as influencias expoliadoras da sua actividade e da sua iniciativa decadentes.

Além d'isso o Porto não queria que perante a significação liberal que irradiava tambem do character da glorificação posthuma do expulsor dos jesuitas, a sua abstenção da grande parte que lhe cabia por direito e por dever n'essa solemnidade de patriotismo, fosse interpretada, ainda que erradamente, como o abandono das suas velhas crenças, como a pusillanidade descoroçadora dos brios de quem sempre dera testemunho honrado e heroico do seu profundo affecto ás venerandas tradições de um passado impolluto.

Assim a cidade nobre e trabalhadora, subjungendo sob a expansibilidade do seu entusiasmo convicto, as negações provocadoras dos phantasmas tetricos da reacção sordida e perversa, deu mais uma prova de que no seu coração leal e generoso, não se extinguiram os impulsos de arraigadas convicções, nem que na liberalidade justiceira do seu reconhecimento, esqueceu nunca aquelles que se tornaram benemeritos da posteridade, por actos de extremada devoção em pro do engrandecimento da patria commum.

Sob a dupla influencia d'estes sentimentos liberaes e patrióticos, o Porto soube corresponder digna e luzidamente á iniciativa da mocidade academica, engrinaldando-se de fulgidas galas e accorrendo em massa a enfileirar-se no cortejo triumphal, a manifestação mais significativa e respeitavel das solemnisações pombalinas promovidas n'esta cidade.

A comissão academica não sobravam os recursos para os festejos delineados, mas em compensação teve a auxillia a decidida boa vontade do municipio, da junta geral do districto e da Associação Commercial, a cujos subsidios pecuniarios se juntaram uma pequena parte da verba votada pelo governo para a commemoração do centenario, o producto de uma restricta subscrição publica e a receita de um espectáculo dado no theatro Principe Real, supprindo ainda a deficiencia de todos esses meios reunidos, a prestante adhesão dos habitantes, que por varios modos concorreram para o lustre das solemnidades publicas levadas a effecto.

Principiaram ellas no dia 6 de maio pela inauguração solemnemente, no Palacio de Crystal, da Sociedade Philantropico-Academica do Porto, seguindo-se-lhe, de tarde, o passeio fluvial effectuado em honra das comissões de estudantes de Coimbra e de outras localidades que tinham vindo associar-se aos regosijos dos seus collegas portuenses.

A digressão, em que tomaram parte numerosos barcos, que eram saudados á sua passagem, pelos espectadores que se apinhavam por todos os pontos marginaes, teria os alegres attractivos de uma recreação encantadora, se a asperidão

do tempo não prejudicasse com uns tons parda-centos e monotonos, a risonha perspectiva da paisagem que orla o leito das aguas do Douro.

A noite, sob uma chuva copiosa e insistente, a empavesada flotilha debandava de Avintes, em regresso ao Porto, produzindo ainda assim um effecto phantastico as illuminações com que tinham conseguido ornamentar-se alguns escaletres, cujos renques de luzes coloridas cortavam a espaços a tristeza d'aquella noite tenebrosa.

No domingo fez-se a procissão cívica, apezar do tempo continuar a contrariar com as suas impertinentes perrices, os desvelados esforços de quantos concorriam para a magnificencia d'aquella glorificação.

Se os elementos atmosfericos se rebellaram desapiedadamente contra a solemnidade, não poderam contudo as suas iras obstar a que ella se exhibisse com todos os esplendores de uma festa entusiastica e memoravel.

A manifestação foi das mais imponentes e dignas que o Porto tem promovido.

Todas as ruas estavam ornamentadas e das janellas pendiam colchas de seda, cujos matizes, casando-se com o colorido variegado dos vestuarios das senhoras que enchiam as varandas e os peitoris, davam um tom de expansiva alegria ao aspecto já de si festivo da população.

Em alguns sitios, como em toda a longa extensão da rua de Santa Catharina, as decorações primavam pela sua profusão e bom gosto.

O cortejo, aberto pela camara municipal, com a sua bandeira de seda carmezim bordada a ouro, ia immensamente concorrido, tendo-se calculado em 6:000 o numero das pessoas que n'elle se incorporaram.

A Associação Commercial, os engenheiros e pessoal dos caminhos de ferro, os empregados da camara municipal, da alfandega e da estação telegrapho-postal, a imprensa periodica, as corporações de bombeiros com o seu material, as numerosas associações de soccorros, os operarios de varias fabricas, os empregados commerciaes, os representantes dos centros politicos, os actores e actrices dos theatros do Porto, as sociedades dramaticas de amadores, as sociedades scientificas, litterarias, artisticas, recreativas e patrióticas, o professorado e alumnos dos estabelecimentos superiores de instrução, as comissões academicas do Porto, Coimbra e de outras localidades, e finalmente muitas outras corporações formavam o extenso grupo que a cada momento era saudado pela multidão com vivas phreneticos.

Diversas agremiações faziam-se notar pela riqueza dos seus estandartes de velludo e seda, bordados a ouro e prata, e cada uma d'ellas seguia respectivamente os carros allegoricos do commercio, da industria, dos actores do theatro do Principe Real e da sciencia, tirados por cavallos apaezados conduzidos á mão.

A redacção da *Folha Nova* apresentára tambem um prelo mechanico, puxado por parellhas de cavallos, no qual, durante o trajecto, se imprimia o decreto da expulsão dos jesuitas, que era profusamente distribuido.

Os carros eram elegantes e vistosos, offerecendo um agradável aspecto pela acertada disposição dos attributos e allegorias que os decoravam. Os do commercio e da sciencia tinham sido delineados pelo talentoso architecto Thomaz Soller; o da industria, pelo scenographo sr. Lambertini, e o dos actores do Principe Real, pelo scenographo sr. Guilherme de Lima.

A multidão que estacionava nas ruas era enorme, e a cada passo saltavam-se das janellas nuvens de flores, enquanto que dos espectadores sabiam incessantes saudações ás Academias do Porto e de Coimbra, á Imprensa e á Liberdade, etc.

Pela sua parte os estudantes acclamavam as damas, e as outras corporações correspondiam com provas de expansivo agradecimento ás manifestações de sympathia que lhes eram tributadas.

O deslizar do cortejo effectuou-se sempre no meio d'estas calorosas ovações, e ao chegar o seu começo á praça do Marquez de Pombal (antigo Largo da Aguardente), a camara municipal e a comissão academica, descerrando o busto do marquez, pousado sobre um pedestal assente no meio de um amplo estrado, procederam á coroação do heroe d'aquella festa, aos sons do hymno academico executado por tres bandas regimentaes.

No entretanto eram depositas junto do busto ricas coróas e bouquets de diversas agremiações, e quando as musicas começavam a fazer ouvir a marcha triumphal escripta expressamente pelo sr. Cyriaco de Cardoso, uma grossa batega de chuva, obrigava a dispersar o cortejo, que desde

esse momento perdeu a feição de ordem que até ali o havia caracterisado.

A manifestação estava, porém, feita em toda a sua grandeza, e só as pessoas que nas ruas restantes aguardavam o regresso do prestito, se tiveram de lamentar de o não poderem ver no esplendor com que desfilára ate ali.

O busto collossal que servira para a cerimonia da glorificação era de gesso, e fora intelligentemente modellado pelo alumno da Academia Portuense de Bellas Artes, o sr. Marques Guimarães.

O dia seguinte apresentou-se de feição mais risonha, e isso contribuiu para o brilhantismo das illuminações das ruas de Santo Antonio e de Santa Catharina, e das praças de D. Pedro e do Marquez de Pombal.

N'esta ultima, a illuminação á moda do Minho, disseminada profusamente pela ramagem do arvoredo, offerecia um aspecto original e encantador.

Na rua de Santa Catharina queimaram-se fogos de artificio, e muitos predios, bem como a fachada da camara municipal, ostentavam bonitas illuminações venezianas e a gaz.

Enquanto o povo, em grande massa, gozava estes festejos populares, no theatro de S. João a comissão academica punha fim ás solemnidades do seu programma com um sarau litterario-musical, em que se entremisturaram os discursos patrióticos e commemorativos com as harmonias de boa musica.

Estavam, pois, terminadas as demonstrações em honra do benemerito estadista, e se ellas se distinguiram pelo seu esplendor e expansibilidade, ainda mais se assignalaram pelas provas de cordura e de ordem, de que os manifestantes e a população deram louvavel testemunho nos tres dias em que esses festejos se realisaram.

Nem um grito menos conveniente, nem a minima provocação se fez sentir, offerecendo um contraste caracteristico dos sentimentos populares portuenses, as manifestações ordeiras em que primou, com a attitude altiva e enérgica que tomou quando, depois do grande *meeting* celebrado no salão Euterpe, uma multidão immensa se dirigiu á redacção de uma folha catholica, para exigir a retractação formal e plena dos insultos e dos sarcasmos injuriosos que haviam sido arremessados por um supplemento ignobil, á respeitabilidade das corporações que tinham tomado parte no prestito, supplemento que na tarde anterior fora queimado em auto de fé, na praça do Marquez de Pombal, ao esturjar das acclamações do povo.

A satisfação foi dada completa e satisfatoria, e o centenario, no Porto, ficou assim purificado da unica mancha com que, rancores mal soffredos e insolitos, haviam tentado escurecer a aureola refulgente da apothiose solemne das virtudes cívicas e da intrepidez administrativa do ousado e prestante ministro de D. José I.

Porto, 25 de maio.

Manoel M. Rodrigues.

AS NOSSAS GRAVURAS

A PROCISSÃO CIVICA DE LISBOA

A nossa gravura representa o cortejo cívico que se realisou no dia 8 de maio, centenario da morte do marquez de Pombal, em honra á memoria illustre do grande ministro de D. José I.

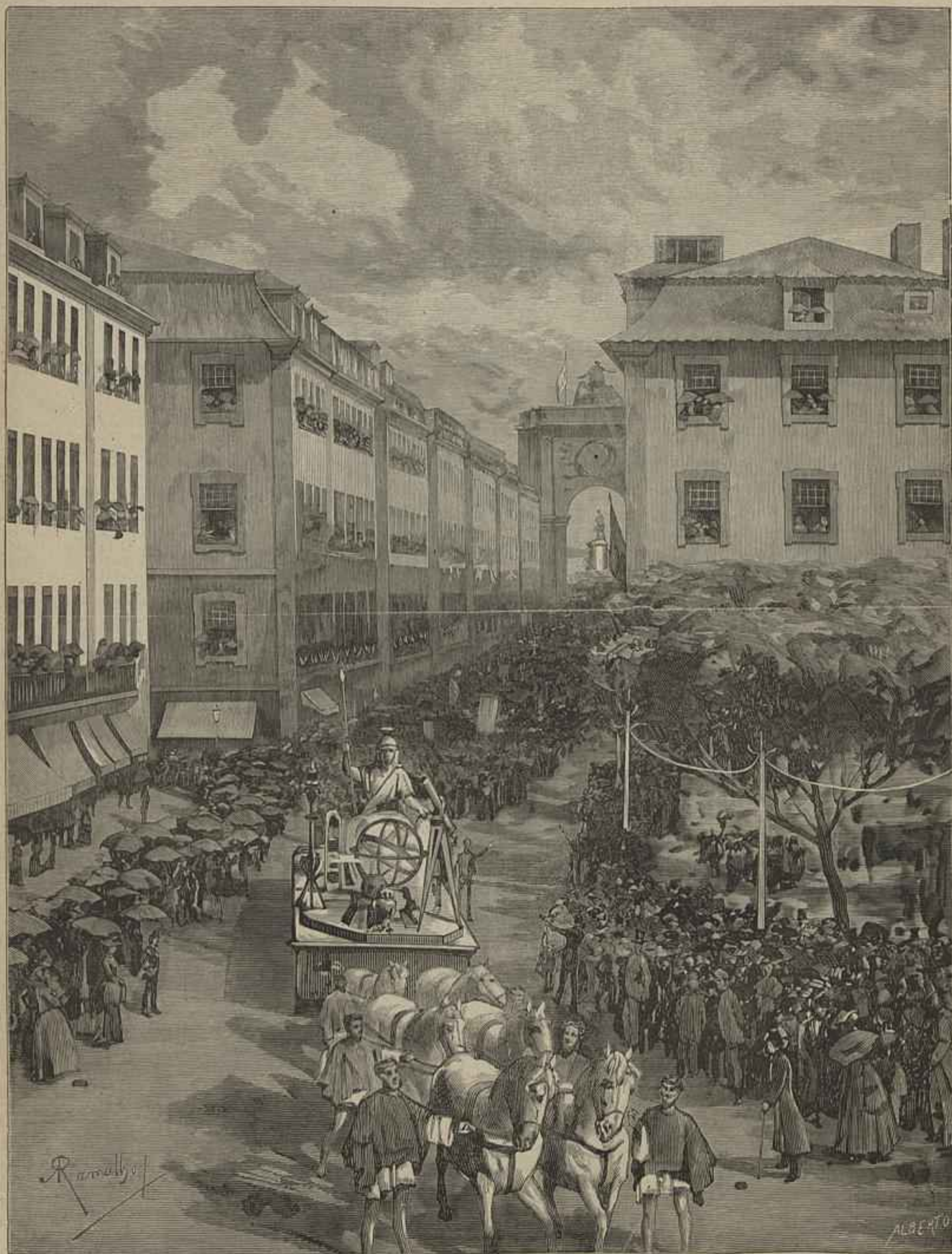
O cortejo organizado pela iniciativa dos estudantes de Lisboa foi imponente e numerosissimo. As duas da tarde saiu do Terreiro do Paço, onde formara passando em frente do busto do marquez de Pombal, no monumento de D. José I, e desfilou pelas ruas da Alfandega, dos Fanqueiros, da Bitesga, da Prata, dos Capellistas, Augusta, praça de D. Pedro, passando em frente do theatro de D. Maria onde estava collocado entre as columnas da fachada do theatro para o Rocio, o busto do marquez de Pombal, e seguiu pelo lado occidental da Praça de D. Pedro, rua Nova do Carmo e do Almada, largo de S. Julião, Pelourinho, rua do Arsenal, do Corpo Santo e Praça dos Romulares onde o prestimo se dissolveu.

Era enorme esse prestito: figuravam n'elle mais de 200 corporações e associações, representadas em grande numero, e encorporadas pela seguinte ordem:

Camara municipal de Lisboa, e camaras do reino.

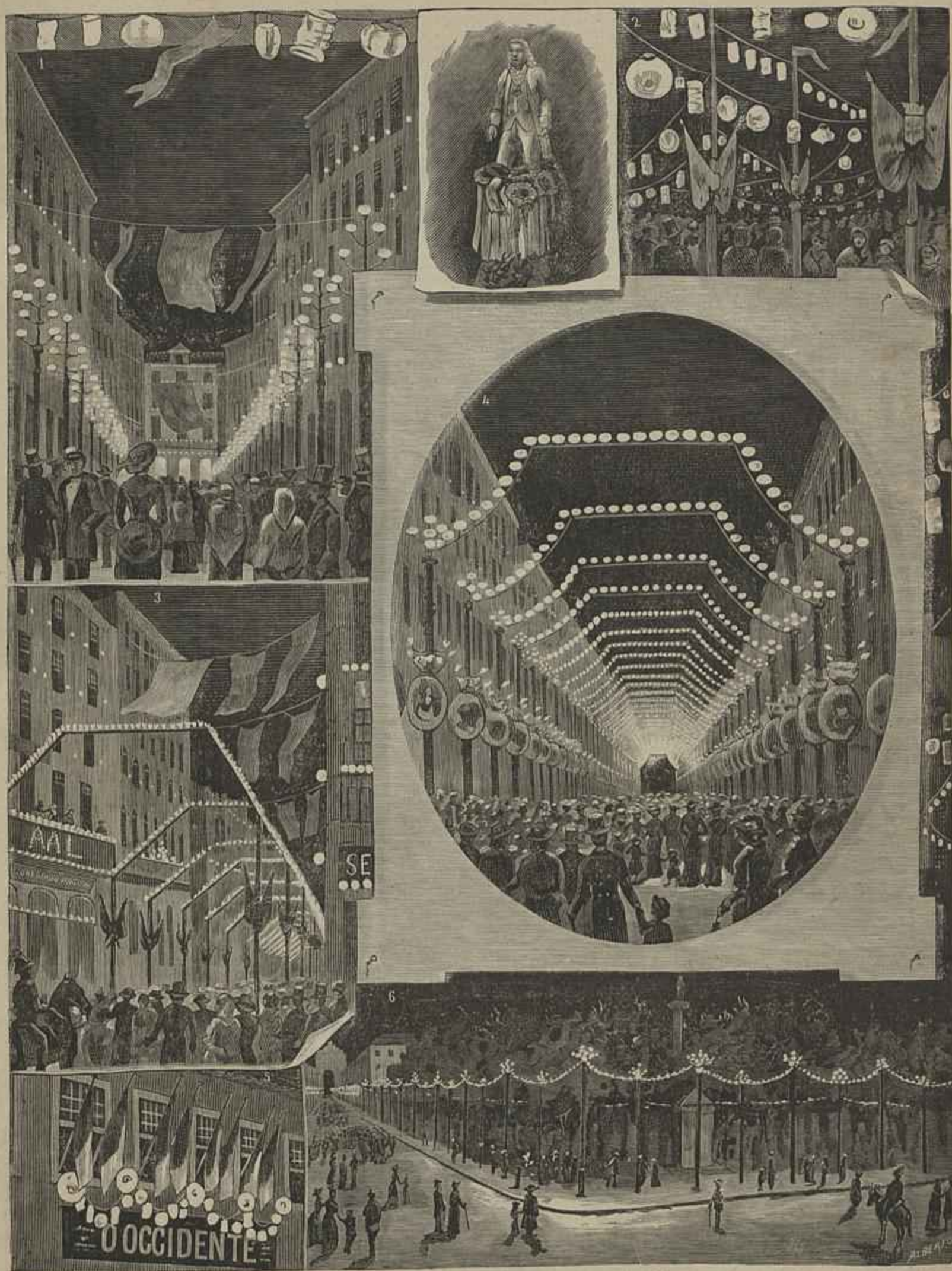
Alumnos das escolas municipaes.
Associações legalmente auctorizadas, commer-

FESTAS DO CENTENÁRIO DO MARQUEZ DE POMBAL EM LISBOA



A PROCISSÃO CIVICA DESFILANDO NA PRAÇA DE D. PEDRO (8 de maio de 1882) (Desenho de A. Ramalho)

FESTAS DO CENTENARIO DO MARQUEZ DE POMBAL, EM LISBOA



AS ILLUMINAÇÕES: — 1, RUA NOVA DO CARMO — 2, RUA DO AMPARO — 3, RUA DOS FANQUELOS, ASSOCIAÇÃO ACADEMICA — 4, RUA DA PRATA
5, NA RUA DO LORETO — 6, PRAÇA DE D. PEDRO (6, 7, 8 e 9 de Maio de 1889. — Desenho de Macedo e Christino)

ciaes, industriaes, de mutualidade, soccorros e recreio.

Companhias e sociedades de commercio e industria.

Comissão nemeada pelo governo para as festas do centenario e comissões promotoras da celebração.

Membros das camaras legislativas e funcionarios civis.

Escolas, collegios, institutos scientificos e de instrucção.

Comissão executiva do centenario de Camões.

Comissão executiva do centenario de Pombal.

E-nos impossivel por falta de espaço fazer a descripção minuciosa d'esse cortejo tão numeroso, que já se dissolvia na Praça dos Romulares e ainda não tinha sahido todo do Terreiro do Paço.

Durante o transito houve muito entusiasmo e muita ordem, sendo muito victoriadas as escolas municipaes, os alumnos da Granja, de Coimbra, da escola medica e do exercito, os actores portuguezes, e a comissão academica que promoveu a brilhante festa.

No prestito iam sete carros triumphaes, o da camara municipal, o commercio e industria, colonias, imprensa, sciencias, exercito e agricultura, que o OCCIDENTE publicará em gravura proximoamente.

Além d'estes carros iam outros como o da fabrica de industria nacional de bolacha do sr. Eduardo Costa, tropheu dos bombeiros, carros de flores, etc.

AS ILLUMINAÇÕES

DO CENTENARIO DO MARQUEZ DE POMBAL EM LISBOA

O OCCIDENTE já se referiu largamente a estas illuminações na chronica do ultimo numero, e a ella reenviamos o nossos leitores.

A nossa gravura representa as illuminações da rua da Prata, rua dos Fanqueiros, Rocio, rua Nova do Carmo, rua do Amparo e rua do Loreto.

AGITAÇÕES NA IRLANDA

Assassinato de lord Cavendish e de Thomaz Burke

No sabbado, 6 de maio findo, tinha tomado posse do lugar de principal secretario do vice-reinado da Irlanda, lord Frederico Cavendish. Entretivera-se todo o dia no palacio do governo com o sub-secretario Thomaz Henrique Burke, inteirando-se de todos os negocios relativos ao seu cargo, a fim de o desempenhar com a seriedade e zelo que lhe eram habituaes no cumprimento dos seus deveres.

Pelas 7 horas e meia da tarde terminou o trabalho, e saiu do palacio com Burke, a fim de respirar o ar livre em Phoenix Park, onde se acham estabelecidos o palacio do governo, os alojamentos dos secretarios e outras estações importantes.

Tinham dado alguns passos e iam pela rua central, na altura do palacio do governo, quando de um trem que conduzia quatro individuos e parara á porta de Dublin (*Dublinglete*), se apearam dois homens que se encaminharam para os dois secretarios, e seguindo atraz d'elles lhes dirigiram alguns golpes de faca, que, em poucos momentos, fizeram cair por terra Cavendish e Burke. Os dois homens, tomando o caminho que conduzia á porta, tornaram a entrar no trem e desapareceram.

No Park achavam-se ainda passeando, ou entretidas nos diversos jogos, como é uso no Reino Unido, passante de duas mil pessoas. A duzentos metros do lugar onde foi commettido o attentado, achavam-se alguns grupos, que viram, sem prestar attenção, a especie de lucta dos quatro individuos, julgando que eram amigos que se entretinham em jogos acrobaticos, e tambem alguém viu dois cairem no chão, mas como era lusco-fusco ninguem suppôz que houvesse tão perto um grande crime, julgando tudo uma brincadeira.

Algum tempo depois, passando por aquella rua central, a cavallo, o sr. Maguire, em companhia de um amigo, depararam os dois corpos caídos, que reconheceram por dois cadaveres. Immediatamente deram o alarme, e então acudiram a policia, a guarda do palacio e varias pessoas. Os assassinados estavam por tal forma ensanguentados e desfigurados que, n'aquelle momento, ninguem pôde reconhecer que tinham deante os cadaveres de Cavendish e Burke. Vieram duas macas e foram os infelizes conduzidos ao hospital de Stevens, onde então foram reconhecidos,

causando semelhante successo o maior horror no publico. As portas do Park foram immediatamente fechadas e guarnecidas de tropa e policia, não se permitindo a entrada ou saída de pessoa alguma, sem uma minuciosa revista.

Lord Cavendish recebera tres punhaladas no coração, uma no lado direito, que interessava o pulmão, e outra atraz da orelha esquerda. Burke recebeu cinco punhaladas no peito e coração, e tinha as goelas completamente cortadas. Lord Cavendish apresentava algumas cortaduras nas mãos, indicando que tivera alguma lucta com o seu assassino. A direcção e forma dos golpes prova que foram dados, estando os assassinos por detraz.

O sr. Maguire declarou que viu os assassinos entrarem no trem e este partir, e sendo expedidas logo tropa e policia em sua perseguição, não foi possivel encontrar vestigios d'elles.

A consternação publica em toda a Europa, mas especialmente na Inglaterra, por causa de semelhante attentado, foi grande, não só pelo horror que elle causa, mas pela posição das victimas, que occuparam o mais alto grau na governança da infeliz Irlanda. As corporações e associações libertadoras, que já com o nome de *Land league*, liga agraria, já com outras denominações, sustentam e defendem a causa dos irlandezes, todas estigmatizaram tão indigno e cobarde crime, e algumas offereceram premios a quem descobrisse os assassinos.

O governo inglez offereceu um premio de dez mil libras (45:000\$000 reis), e a municipalidade de Dublin duas mil libras (9:000\$000 reis) a quem descobrir o mais pequeno vestigio que possa conduzir ao conhecimento dos criminosos, mas até á data de 27 de maio ultimo nada se tem podido saber, apezar de terem sido presas mais de cem pessoas.

Os nossos leitores devem ter presente o que o nosso periodico tem referido a pag. 266, 267 e 268 do vol. 4.º e a pag. 51 e 53 do presente volume, e reconhecer que o assassinato dos dois funcionarios deve partir da mesma origem, d'onde tem partido muitos outros attentados, uns que referimos, outros que temos deixado de referir.

Digamos agora algumas palavras com relação aos dois secretarios.

Lord Frederico Cavendish nasceu em novembro de 1836, sendo segundo filho do duque de Devonshire e de lady Branca Howard, filha do 6.º conde Carlisle. Foi educado no collegio da Trindade de Cambridge. Em 1859 foi nomeado secretario particular de lord Granville, então presidente do conselho de ministros, cargo que serviu até 1864. No anno seguinte foi eleito deputado por West Riding, Yorkshire, funcções que só abandonou na semana anterior ao facto que referimos, para ir occupar o lugar de principal secretario da Irlanda. Em 1872 serviu tambem de secretario particular do sr. Gladston, actual presidente do conselho; no anno seguinte foi nomeado chanceller do thesouro, cujo cargo exerceu até que o ministerio de Gladston se exonerou. Ha dois annos foi nomeado secretario *financial* do thesouro, cargo que abandonou quando partiu para a Irlanda. Casou em 1864 com Lucia Carolina, 2.ª filha de Jorge William, 4.º lord de Littleton, de que não teve successão. Era conhecido como financeiro distincto, não fallando na casa dos Communs (camara dos deputados) senão em assumptos de que tinha especiaes conhecimentos. Tomava sempre muito interesse nas questões de educação, fallando sempre sobre este assumpto nos meetings a que por esse motivo assistia. Era muito sympathico a toda a gente que com elle estava em contacto, sendo respeitado e estimado pelo seu character serio, e seu escrupulo no cumprimento dos seus deveres. Era herdeiro de um nome que se inscreve entre os dos primeiros sabios.

Thomaz Henrique Burke nasceu em maio de 1820, sendo filho primogenito de Guilherme Burke de Knocknagur, Galway, e de Francisca Xaveria Tucker, sobrinha do muito conhecido cardinal Wiseman. Cursou os seus estudos na Belgica e Alemanha, e era conhecido como um abalizado linguista. Quando sir Thomaz Redington tomou posse do lugar de sub-secretario da Irlanda, nomeou Burke seu secretario particular, dando-lhe ao mesmo tempo um lugar de amanuense (*clerkship*) no palacio. Desde então até á hora da sua morte foi sempre um empregado zelosissimo e o mais completamente dedicado aos seus deveres officiaes, pois apezar de pertencer ao partido liberal, com a maior cordura e fidelidade desempenhava as suas funcções com os seus superiores fosse qual fosse o partido d'elles. Serviu tambem como sub-secretario com lord Carlingfor, sir Roberto Peel e lord Hardington. Era solteiro, e professava a religião catho-

lica, havendo succedido em 1868 no sub-secretariado a Thomaz Larcorm. Era muito dedicado á sua familia, e seus amigos estimavam-n'o em extremo.

E opinião geral que factos d'esta ordem não podem trazer bem nenhum á Irlanda, e que aquelles que os praticam não são amigos da sua patria.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

O NOVO COMETA

Ha pouco ainda elle errava como um sonho na noite negra e gelida dos vastos céus. Invisivel, mesmo para o olho gigante dos potentes telescopios, sem luz e sem consistencia, parecia uma bola de vento gravitando no vacuo do ether. Mas quando chegou a uma centena de milhões de leguas do nosso ardente sol, sentiu, através do seu ser, como que um estremecimento electrico que o acordou, penetrando-o, inflammando-o com um ardor inesperado, illuminando-o com claridades phosphorocentas. A agulha de iman, fechada na bussola, palpita, perde o norte, quando — a 37 milhões de leguas d'aqui — o sol está debaixo d'essas violentas tempestades magneticas que o enchem de manchas enormes ou projectam em torno d'elle chammadas de 100 mil leguas de altura. Mais sensivel e mais excitavel ainda, o cometa põe-se em fogo quando o subjuga a attracção penetrante do astro do dia. Deixando-se escorregar com delicias sobre a parabola que o aproxima do astro bem amado, vóa para elle, o astro longiuquo, com um ardor crescente, devorando o espaço, dobrando, decuplicando, centuplicando de volume: e em breve, envolto em gloria e em luz, transfigurado de brilho e de esplendor, atira-se doidamente ás chammadas do divino Apollo, que ás vezes roça com os seus raios a imprudente libellula celeste, mas sempre reenvia sem a queimar, a outros novos céus, no seu voo impetuoso e infatigavel.

O cometa, que será visivel d'aqui a dias para todos os habitantes da Europa, está a caminho ha muitos annos, ha muitos seculos, (se vem da estrella mais proxima a viagem não dura menos de 20 milhões de annos). Nunca atravessou as nossas regiões planetarias: pelo menos é a primeira vez que se observa. Ha cerca de dois mezes que o seguimos com o telescopio e o vemos aproximar-se. Hoje está a 33 milhões de leguas do sol. A sua velocidade, que era n'estes ultimos dias de 900:000 e 950:000 de leguas por dia, ultrapassa agora um *milhão de leguas*. Pelo seu lado a terra gyra, como todos sabem, em torno do sol, com a velocidade respeitavel de 643 mil leguas por dia.

Já se pôde avistar a olho nu, esse mysterioso explorador do infinito. Procurem-n'o no céu do norte, antes do nor-nordeste, á esquerda, um pouco acima da constellação de Cassiopee, que semelha um gigantesco W: no dia 20 passa á esquerda da estrella issita de Camopée, que brilha sobre o prolongamento da primeira perna do W. Depois vae fugir em linha recta para o poente, atravessará a grande velocidade as constellações da Girafa e do Cocheiro, e no dia 10 de junho mergulhará nos fogos solares, para fugir para o outro lado do mundo e desaparecer aos nossos olhos. Então, apparecerá de improvizo, deslumbrante, aos olhos dos habitantes do outro hemispherio.

O seu brilho vae augmentar, progressiva e rapidamente. Tornar-se-ha muito mais luminoso que o do anno passado, e é mesmo provavel que seja visivel em *pleno dia* a olho nu. Augmentará de brilho de dia para dia, dissemos, mas infelizmente está a chegar o luar, que augmentará ao mesmo tempo que o brilho do cometa, e por outro lado elle precipita-se, sem perder um momento, para o astro que o atrae, de tal sorte, que no começo de junho, na época do seu esplendor, o seu nucleo, mergulhado na irradiação solar, terá desaparecido do nosso horizonte ao pôr do sol. Poder-se-ha vêr então uma immensa columna de luz elevando-se obliquamente no céu do noroeste. Talvez mesmo se possa, nos dias 9, 10 e 11 de junho, contemplar em pleno sol o cometa visivel na visinhança do astro brilhante. Façamos votos para que o céu esteja puro: téremos um espectáculo astronomico dos mais raros.

Aqui tem o boletim do cometa:

No dia 19 de maio chegou a uma distancia do sol igual á distancia da terra (37.000.000 de leguas) e a sua velocidade era de 909.000 leguas por dia.

No dia 22 attingiu a distancia de Venus (37 milhões) e a sua rapidez era de 1.060.000 leguas por dia.

No dia 9 de junho passará na vizinhança da orbita de Mercurio (14.000.000) e a sua velocidade era de 1.431.000 leguas por dia.

No dia 10 passará no seu perihelio, a 22250.000 leguas do globo solar, cujo diametro não mede menos de 345.500 leguas; precipitar-se-ha então com uma velocidade de 3.682.000 leguas por dia, isto é, 153 mil leguas por hora, contornará o sol no deslumbramento de um esplendor sem igual, e, levado sobre um segundo ramo da parabola, symetrico do primeiro, irá afastando-se do astro radiante, mas como que sem vontade, com uma lentidão crescente. Talvez o astro vagabundo vá desseminalar atravez as regiões do espaço as sementes cosmicas fecundados nos ardores do perihelio.

Se nós podemos calcular adiantadamente, com precisão o seu caminho, e o seu brilho (no dia 10 de junho será pelo menos 3 mil vezes mais brilhante que em 19 de maio, data das primeiras observações) o que não podemos é calcular a extensão e a forma da sua cauda. Certos cometas tem projectado no espaço caudas de 40, 50, 60, 80 milhões de leguas de comprimento e outros tem-se aberto em leques de cinco e seis raios: um outro abriu-se em dois d'alto a baixo e depois desagregou-se completamente n'uma chuva d'estrellas cadentes. O cometa actual emite já um raio em forma de penacho que mede mais de 200 mil leguas. Os nossos leitores sabem certamente que esses raios são absolutamente transparentes, imponderaveis e situados não atraz dos cometas, no seu andamento, mas sempre em opposição ao sol.

Neste momento, o caminho do viajante no espaço é quasi perpendicular ao nosso raio visual, está no seu minimo de distancia da terra e vaé afastar-se de nós á medida que se aproxima do sol. Mas depois de ter dado a volta em torno da *cité* central tommará para a nossa provincia errante, e mesmo pode-se já calcular que em 11 de julho proximo atravessará a orbita seguida annualmente pelo nosso planeta em torno do sol. O nucleo não passa a mais de

178 mil leguas d'essa orbita: é menos de duas vezes a distancia da lua.

(Continua).

Camillo Flammarion.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA

DE

ARTE ORNAMENTAL

EM LISBOA

XXIII

Ao canto vemos um grande brazeiro de cobre, obra de muito bom estylo renascença (152), que naturalmente passa despercebido á maior parte da gente. Não nos parece obra nacional. Duas esculturas em madeira de Demontreuil são muito apreciaveis.

Outros objectos impõem-se logo por si á vista menos preoccupada como, calices, jarros, gomis, pratos, taças, caixas, frascos, imagens, collares, etc., a maioria dos quaes são obra estrangeira. Mencionemos, porém, uma pyxide de prata dourada, toda ornamentada (n.º 76), obra portugueza do seculo xvii, mandada fazer pela religiosa madre D. Maria Francisca de Souza. Veja-se tambem o colre de prata dourada, de forma hexagonal, muito ornado de arabescos e cabeças de serafins, sobrepujado por uma coroa, e limitado em cada face por duas columnas tambem coroadas (n.º 79), que igualmente se diz obra portugueza.

A pyxide (n.º 81); os dois fruteiros (n.º 82 e 83), evidentemente mandados fazer por um fidalgo portuguez, porque o braço dos Souzas assim o indica, e que parecem ser obra portugueza do seculo xvi, sendo eguaes no tamanho e forma; são, porém, de lavor diverso e variado. O grande prato de prata dourada, com o centro dourado, apresentando certas figuras que sustentam fitas com caracteres gothicos, que a nossa vista nos não permite ler; obra portugueza ou feita em Portugal, como se reconhece pela designação dos sete peccados mortaes na nossa lingua, inscriptos sobre cada moldura onde elles estão representados.

A caldeirinha de prata dourada (n.º 94); a urna do mesmo metal, com tampa, e azas, cada uma das quaes é formada por uma figura de mulher. É dividida em medalhões, obra portugueza do principio do seculo xvii.

XXIV

O n.º 98 é uma caixa redonda de prata lavrada. Um calix de prata dourada, com sua patena (n.º 99), é obra portugueza do seculo xvi. É de forma semelhante a outros muitos calices que se vêem na exposição; tem os caracteristicos tintinabulos, ornatos que se vêem em muitos outros artefactos religiosos da mesma época por varias partes da Europa, e de que já fallámos quando descrevemos o calice da sala G.

Mais adiante vê-se (n.º 101) outro calix de forma semelhante, muito profusamente ornamentado. Tem a base ornada com figuras de santos em relevo, e tendo, quasi todos os outros, o nó com ornatos architectonicos em forma de templo, este apresenta-o em forma de urna. É obra portugueza do seculo xvi.

O grande prato circular de prata dourada (n.º 104), e centro levantado, é soberbo. Uma laçaria divide todo o prato em varios medalhões, em cada um dos quaes são representadas scenas biblicas, que era preciso tempo para analysar e descrever, e que se acham designadas por palavras portuguezas. Um ornato de festões adorna o fundo levantado, em cujo centro estão as letras M. F. A grandeza e riqueza do artefacto indica ter pertencido a personagem importante; quererão as letras indicar Marquez de Ferreira?

Logo ao pé vê-se um gomil portuguez (n.º 105). Sobre a base redonda, e ornada de um rendilhado, levanta-se o pé em forma de columna, todo ornado de folhagem, que na sua ligação com o bojo do vaso, toma quasi o aspecto de um capitel. O corpo ou bojo do gomil é todo lavrado, a aza floreada apresenta na parte superior duas figuras voltadas uma para a outra, como querendo-se beijar; da parte opposta outra figura forma o bico, deitando a agua por um canudo ornado, que lhe sahe da bocca. A tampa, quasi semi-espherica, tem ornato muito especial. É obra bem trabalhada.

(Continua)

R.

* Vid. pag. 94 e 96 do presente volume.

SAPATOS DE DEFUNCTO

(Continuado do n.º 125)

O porta-machado já não estava macio...

— Mas isso é mal feito, observou elle metendo-se na questão, a rapariga trabalhou e portanto deve-se-lhe pagar.

— O trabalho d'ella bem sei qual foi... voltou-lhe o merceeiro, e demais o camarada não é para aqui chamado.

— Não sou, mas é como se o fosse.

— Vá lá para o quartel, homem.

— O senhor não trate mal.

— Então menino, então? exclamava a metade de Antonio Dourado.

E o guarda costas mettendo tambem a colherada, tomava o partido do patrão.

— O camarada não se ajustou para todo o serviço, e então deixa-a lá a ella, que se avinha como quizer.

— Deixe estar que nem mais uma sêde de agua lhe acceito.

— Nem eu lh'a dava, só se fosse de rosagar, do que se dá ás ratas pelladas e manhosas.

— Não chame nomes á gente.

— Deixa-o, nós vamo-nos embora, deliberou com prudencia o porta-machado.

— Vão, vão para onde não façam perca.

E chasqueando voltou-se para o municipal e disse:

— Leve a para a casa do conego, ouviu? Leve a para lá.

Esta maneira ambigua de fallar, deixou o alentado filho de Marie, como homem de armas que era, um tanto embatucado.

Aquelle contrapezo do padre, é que elle não esperava.

— Ó Joanna, perguntou em sobresalio, que historia é essa do conego?

— Não é historia, é espinha.

E desatou n'um rir mephistophelico, que fez

ir ao arame o merceeiro, e deixou a mulher do dito escarlata de raiva

— Já se viu desearo assim?

Joanna ria-se muito nos seus modos habituaes, e declarou que agora já não era o merceeiro que a punha na rua, mas sim ella, que de sua livre vontade se punha ao fresco quanto antes, porque não queria demorar-se ali nem mais uma hora.

— Vou já arranjar o meu bahú, e passe muito bem.

— Antonio, Antonio! exclamou a mulher do merceeiro.

— Que é, menina?

— Não deixes sair nada d'aqui, sem que seja revistado.

— Isso é dos livros, nada sae d'aqui sem ser visto.

— Pois talvez se arrependam da curiosidade, respondeu a Joanna.

Pouco depois trazia ella e o porta-machado o bahú para a sala.

Saltaram-lhe todos em cima.

Era a mulher, era o caixeiro, e era Antonio Dourado arregaçando as mangas e puchando as calças para, ao curvar-se, se lhe não arrebitarem no posterior.

E assopravam os tres a um tempo, de curiosidade e de impaciencia.

Pareciam tres réles rafeiros a um osso chorado e succulento.

E deitavam ao redor de si olhares de desconfiança, receiosos de que fossem logrados.

Qualquer movimento lhes despertava uma suspeita.

As barbas do porta-machado eram uma quisilia, eram uma provocação.

Podiam passar-se n'ellas odres de contrahando ás portas!!!

E o maldito acoviava-as, estava sempre a debicar n'ellas, tinha-lhes mão como se recifasse que lhe caíssem.

Emburrantes barbas, forte quisilia!

— Olha lá não te caía a tampa no nariz, observava o merceeiro á mulher, que estava toda debruçada e tinha meio corpo dentro do bahú, a revolver tudo debaixo para cima, com toda a liberdade fiscal de um guarda da alfandega no exercicio das suas funções officiaes.

— Ó minha senhora, mexa com geito, que isso não é roupa de francezas.

O bahú estava cheio como um ovo, recheadinho de boas roupas brancas, de peças de panno novinhas do tringue.

De repente, Antonio Dourado agarra-se a um rolo de papeis que está entre duas toalhas de algodão e uns lenços de bretanha.

— Que é isto? pergunta.

Todos se impressionam com o movimento subito da sua estranha surpresa, todos excepto a Joanna, que se põe a rir para aquella montanha de cabellos que está perfilada ao seu lado, de bocca aberta e olhar espantado.

— Que é isto? repete o merceeiro desembrulhando o rolo de papeis.

Antonio Dourado tem no olhar alguma coisa dos raios fulminantes de Jupiter.

A sua figura assume umas proporções olympicas.

Elle tem em si o quer que é que faz lembrar a grandeza dos deuses da mythologia.

— Ó Antonio, tens alguma coisa?

Quasi em voz de moribundo, abafada pelo esterior da suprema agonia, Antonio responde:

— Tenho, que estou roubado!

A sensação produzida por estas palavras só pôde egualar-se á do encontro de um ponto final em periodo emaranhado de incidentes, que ameaça não ter fim.

— Então esta ladra não se me raspava com as inscrições de D. Monica?!!

A sensação redobra, e os circumstantes trocam olhares de assombro.

— Já para a costa d'Africa, já para a costa d'Africa!

(Continua).

LEITE BASTOS.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

DICIONÁRIO DA LINGUA PORTUGUEZA, *Etymologico, Prosodico, e Orthographico*, publicado por David Corazzi, Lisboa. É este dicionario o primeiro de uma serie d'elles, que com o titulo de «Os Dicionarios do Povo», principiou a publicar o sr. David Corazzi. É grande o serviço que se faz á instrucção com a publicidade d'estes e outros livros que ensinam o povo, e tanto mais quando esses livros pelo seu modico preço chegam ao alcance de todos, como no caso presente, em que o sr. Corazzi conseguiu poder fornecer ao publico um dicionario de lingua por 500 réis.

Já estão publicadas as duas primeiras entregas de 50 réis cada uma e já alcança a pag. 128 e á palavra «Básio — Glóssio».

À VOLTA DO MUNDO, *Jornal de Viagens e de Assumptos Geographicos* — Directores Litterarios Dr. Theophilo Braga e Abilio Lobo — Empreza

Litteraria Luso Brasileira, editora, Lisboa — Estão publicados os n.º 7 e 8, relativos ao mez de abril, com magnificas estampas e bellos artigos.

HISTORIA DE PORTUGAL ILUSTRADA, edição da Empreza Litteraria de Lisboa. Fasciculo Y e 42 relativos aos 6.º e 3.º vol.º com uma estampa cada um, desenhos de M. de Macedo e gravuras de Alberto. Está quasi a terminar a publicação d'esta importante obra á qual se seguirá a Historia Universal do Dr. Jorge Weber, traduzida pelo sr. Dellim d'Almeida.

Weber é um dos maiores sabios da Allemanha e a quem o seu paiz ainda ha pouco tempo consagrou uma festa publica em homenagem ao seu grande talento e serviços á sciencia: porisso a publicação da *Historia Universal* de Weber em portuguez, é equisitamente um grande serviço que a *Empreza Litteraria de Lisboa* faz á instrucção publica.

Esta edição é tambem illustrada com gravuras as quaes estão confiadas aos artistas Manuel de Macedo e Alberto.

SCIENCIA PARA TODOS, *Revista Semanal Illustrada*, redactor Francisco d'Almeida, Lisboa. N.º 14 a 20 que tem sido publicados com toda

a regularidade. Este periodico scientifico é de um grande aproveitamento para a instrucção.

RATTAZZI E A SUA EPOCA, — A ITALIA E CAVOUR, — pela princesa Rattazzi, traducção da ex.ª sr.ª D. Guiomar Torrezão — Empreza Litteraria de Lisboa, editora, rua Nova do Almada, 36, Lisboa — um vol. de 300 pag. com o retrato do

AGITAÇÕES NA IRLANDA



LORD FREDERICK CHARLES CAVENDISH



THOMAS HENRY BURKE

Assassinados em 6 de Maio de 1883

conde Cavour. É o segundo livro dos tres que a princesa Rattazzi escreveu sob o titulo de *Rattazzi e a Sua Epoca*, em que a illustre escriptora faz a historia da Italia contemporanea. Isto basta para recommendar o livro.

BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA COMMERCIAL DO PORTO, n.º 4 de 1 de Janeiro de 1882, recebido agora.

Os assumptos mais importantes de que dá conta este boletim são: *Estudos Economicos* de Augusto Malheiro Dias, *O Commercio Maritimo Portuguez*, por Oliveira Martins etc.

O JORNAL DE VIAGENS, publicação da «Folha de Hoje» Porto — Publica-se regularmente todas as quintas-feiras e trata de diversos assumptos, especialmente geographicos. É illustrado, com gravuras relativas aos assumptos.

OS HOMENS D'AMANHÁ, *Galeria Academica*, Lisboa. Os n.º 2 e 3 que recebemos publicam dois desenhos allegorico-comicos em que se representam os academicos Virgilio Cesar da Silveira Machado e Carlos Joaquim Tavares, com artigos humoristicos. A parte artistica e litteraria, que é muito elegante, junta o aspecto material da publicação que é magnifico.

particular. Alem d'isto publica *O Instituto*, como de costume, artigos de muito interesse.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente: Em tempo de figos não ha amigos.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882, LALLEMANT FRÈRES, Typ. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6

BIBLIOTHECA PORTUQUEZA DO «OCCIDENTE»

A COMEDIA BURGUEZA

SAPATOS DE DEFUNCTO

Por LEITE BASTOS

COM UMA INTRODUÇÃO POR GERVASIO LOBATO

ILLUSTRADO COM 27 ESTAMPAS

Desenhos de MANUEL DE MACEDO — Gravuras de ALBERTO

EDIÇÃO DE LUXO

Um volume de 200 pag. em magnifico papel assetinado com uma elegante capa de cor illustrada, brochura á inglesa.

Preço 600 réis

À venda na EMPREZA DO OCCIDENTE, em todas as livrarias e em casa dos srs. correspondentes d'esta empreza. — Para a provincia envia-se franco de porte a quem remetter 600 réis em estampilhas ou valles do correio.

PANORAMA

DA

CIDADE DE LISBOA

ANTES DO TERRAMOTO DE 1755

PRÓPRIO PARA QUADRO

Este panorama feito segundo documento mais authenticico da época, é extremamente curioso, porque tem a descripção numerada de todos os edificios mais principaes da época.

Preço 100 réis

Para a provincia envia-se franco de porte a quem remetter esta importancia.